

Teia AGROECOLÓGICA

PARÁ

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE
TECNOLOGIAS SOCIAIS EM
AGROECOLOGIA
ANO 1 / EDIÇÃO Nº 4 / MAIO DE 2019



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

Foto: Lauro José Damasceno Maia/ANA



Um quilo de borracha comercializado, um hectare de floresta protegido. Processo produtivo em rede no Pará traz inovações e envolve cerca de 1500 extrativistas e produtoras(es)

Encauchados de Vegetais da Amazônia: BORRACHA ORÇÂNICA NA ORIGEM

O látex da Amazônia teve destaque entre os produtos brasileiros até o começo dos anos 1990. O fim de políticas públicas e setoriais deixaram os seringueiros abandonados à sua própria sorte. A fome e a miséria assolaram os rincões da região e a maioria dos envolvidos no ciclo da borracha fugiu para periferias dos centros urbanos. Com extensas áreas de florestas esvaziadas, a fronteira agrícola avançou. Para fazer frente à expansão do agronegócio, povos indígenas e populações tradicionais se aliaram ao Polo de Proteção da Biodiversidade e Uso Sustentável dos Recursos Naturais (Poloprobio) e à Cooperativa dos Ecoextrativistas da Amazônia (Coopereco). Desde 1994, os seringais nativos estão sendo revitalizados e manejados com práticas sustentáveis, introduzindo inovações tecnológicas em afinidade com os modos de vida locais.

O sistema de produção de artefatos obtidos com látex orgânico e nativo de *Hevea spp* é uma resposta à propagada morte do sistema extrativo da borracha. Em mais um capítulo da história de resistência dos povos da floresta, sob a liderança do Poloprobio e da Coopereco e com o apoio de projeto aprovado em edital do Ecoforte, nasce, em 2015, a Rede Encauchados¹. Suas unidades produtivas estão nos seguintes

municípios do Pará: Santarém, na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns; Breves, Currallinho e Anajás, na Área de Proteção Ambiental (APA) do Marajó; Inhangapi (Seringal Arajó); Acará (Comunidade Quilombola Santa Quitéria); São Francisco do Pará (Assentamento Luiz Lopes Sobrinho), dentre outros.

Na visão capitalista, em que a borracha é uma *commodity* e o seringueiro um mero fornecedor de matéria-prima bruta para grandes indústrias, o seringal nativo de floresta é inviável pela baixa produtividade ao ser comparado com o seringal de cultivo, no qual as seringueiras são plantadas na forma de monocultura. Mas uma colocação tradicional de seringa nativa, cujas árvores fazem parte do ecossistema do bioma amazônico, ocupa uma área entre 100 e 300 hectares, com trilhas, ou “estradas de seringa”, de 10 a 12 quilômetros. Além de produzir, em média, meia tonelada de borracha por ano, ao percorrer essas distâncias, o seringueiro está cuidando da floresta.

É possível afirmar que para cada quilo de borracha extrativa utilizada na produção de algo, seja no artesanato ou mesmo em um produto industrializado, um hectare de floresta amazônica é protegido, fazendo frente ao avanço da predação por madeireiros ou mesmo aos agrotóxicos da agricultura extensiva. Esse é um dos principais motivos pelos quais diferentes comunidades do Pará estão reunidas em torno da Rede Encauchados.

CAMINHO DAS SERINGAS

O extrativismo de látex das produtoras (es) que integram a Rede Encauchados é orgânico na origem. Sua extração é integrada à floresta. Após a identificação de um grupo de 100 a 200 seringueiras maduras acima de 35 centímetros de Diâmetro à Altura do Peito (DAP), é aberta



Produção de látex orgânico envolve toda a família, indo da extração à comercialização



Mulheres conquistaram mais autonomia. São donas do dinheiro obtido com o artesanato que produzem



Fotos: Lauro José Damasceno Maia/ANA

a “estrada de seringa”, uma trilha tortuosa que interliga todas essas árvores, cujo percurso é realizado diariamente pelo seringueiro para efetuar a coleta do látex e a produção da borracha. A forma de retirada do látex ainda continua a mesma, com a raspagem do tronco para a formação da área de extração, que chega, no máximo, à metade do diâmetro dos troncos. Os cortes feitos nas seringueiras têm de três a cinco milímetros de profundidade para não atingir o câmbio².

A primeira inovação desta tecnologia social foi transformar a vulcanização industrial em artesanal, capaz de gerar produtos de qualidade no meio da floresta. Utilizando a lixívia (água de cinzas), no lugar da amônia, o látex mantém-se líquido e estável, o que possibilita a sua pré-vulcanização, com aquecimento controlado em panelas comuns. Resfriado e armazenado, ele é misturado a fibras vegetais micronizadas³ de resíduos do processamento de açaí. Esse látex é utilizado pelas mulheres para fabricar uma diversificada linha de artesanatos, como centros de mesa em formato de vitória-régia, porta-pratos, porta-panels, porta-copos, embalagens, porta-treco, pinturas em tecidos, entre outros. A modelagem desses produtos é feita em matrizes de sucata de alumínio. Dessa forma, elas obtêm renda própria. Antes, além de trabalharem muito como debulhadoras de açaí e nas atividades domésticas, dependiam integralmente da renda dos seus parceiros. Hoje, são donas do dinheiro obtido com o artesanato que produzem.

A segunda inovação foi simplificar o processo de obtenção do Cernambi Virgem a Granel (CV), conhecido

A Rede Encauchados

envolve comunidades diferentes entre si, mas com um foco: manter a forma de vida seringueira e a extração de látex para obtenção de renda. Atualmente, são 75 unidades coletivas produzindo artesanato e 84 unidades familiares produzindo, além do artesanato, a borracha utilizada para a fabricação de compostos⁴, solados e calçados. Foram qualificadas (os) profissionalmente 1500 extrativistas e produtoras (es) e 210 multiplicadoras (es) locais para fazer a reaplicação da tecnologia social. Estão sendo colhidas cinco toneladas de látex ao mês.

também como “coágulo de caneca”, uma borracha bruta cujo látex é coagulado diretamente nas tigelas colocadas nas árvores. Anteriormente, utilizava-se o ácido acético e o coágulo ficava acumulado por 10, até 15 dias de cortes sucessivos antes da coleta. Nessa técnica, a borracha apodrece, tem forte odor putrefato, perde qualidade e é contaminada por insetos, folhas e ciscos, necessitando ser processada em uma cara e poluente usina, onde para lavar um quilo de borracha são utilizados 10 litros de água.

No novo modelo, o látex é colhido para atender a demanda das mulheres para a produção do artesanato (dois ou três dias de corte por mês). Nos demais dias de corte (12 a 15 dias), a pessoa corta, embute a tigela na árvore, adiciona ácido pirolenhoso (queima de caroço de açaí) em substituição ao ácido acético, deixa que o látex coagule e recolhe o coágulo no final do dia. Em seguida, ao chegar em sua casa, higieniza o coágulo com hipoclorito de sódio. Dessa maneira, além do produto não pegar sujeira nem deteriorar, segue direto para a indústria, eliminando a poluente etapa da usina e a necessidade do uso de água no processo produtivo.

GUARDIÃS E GUARDIÕES DA FLORESTA EM REDE

O Poloprobio inovou ao desenvolver uma tecnologia social que reduz custos e agrega qualidade ao produto final. A borracha resultante desse trabalho está chegando ao ramo calçadista ou sendo transformada em sandálias na própria Cooperativa. O látex recebe a certificação de orgânico pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) através do Sistema Participativo de Garantia da Qualidade Orgânica (SPG) do Poloprobio. E as produtoras e os produtores acessam os subsídios da Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade (PGPMBio), ligada à Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Na aplicação da tecnologia social, duas pessoas de cada família são qualificadas profissionalmente, homens em sangria e coleta do látex e mulheres na produção de artesanato, recebendo o Certificado pelo Programa “Pará Profissional”, da Secretaria de Ciência Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica (SECTET/PA). As instrutoras (es) e reaplicadoras (es) dos aprendizados são pessoas das próprias comunidades habilitadas previamente.

Homens e mulheres dessa região no Pará, antes dispersos, agora estão agindo juntas (os), ainda que diante dos desafios enfrentados por conta do isolamento geográfico de suas unidades de produção. Os recursos do projeto aprovado em edital do Ecoforte foram fundamentais para a consolidação da Rede Encauchados e para a certificação orgânica por meio de controle social. Porém, ainda é preciso garantir o fortalecimento da parte industrial e ampliar a quantidade de pessoas envolvidas nesse trabalho. Com o ciclo da borracha nas mãos de produtoras (es) e extrativistas, essas pessoas obterão rendas justas, vivendo com mais dignidade e sendo reconhecidas como guardiãs e guardiões da floresta.

[1] Nome da borracha natural produzida em seringais nativos por povos indígenas e comunidades e povos tradicionais da Amazônia.

[2] Termo técnico para dizer “lenho”, ou seja, a parte mais dura da árvore. [3] Triturada em partículas minúsculas.

[4] Também chamado de compósito ou máster. Nome dado à massa antes da vulcanização.

PARCERIA



FUNDO
AMAZONIA



MINISTÉRIO DA
ECONOMIA

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



ISBN 978-85-87116-31-4



9 788587 116314